



HISTÓRIA EMPRESARIAL:

Uma ferramenta para a gestão do conhecimento nas organizações empresariais

Roberto Bondarik Professor (UTFPR) bondarik@cp.cefetpr.br

Hélio P. de Carvalho Professor (UTFPR) gomes@ppgte.cefetpr.br

Luiz Alberto Pilatti Professor e Diretor (UTFPR) lapilatti@pg.cefetpr.br

Resumo

O presente texto procura demonstrar a essencialidade das organizações empresariais para a sociedade dita ocidental, e também como objetivo principal demonstrar as vantagens História Empresarial para o resgate e a manutenção do conhecimento das empresas sobre suas ações. Apontamos a busca pelo conhecimento sobre a sua organização e suas realizações como o principal objetivo de se realizar o resgate da história de uma empresa. Demonstramos a importância da história como ferramenta de gestão e de conhecimento.

Palavras-chave: História Empresarial; Gestão do Conhecimento; História do Capitalismo; História das Empresas.

1. INTRODUÇÃO

O período final do Século XX, em especial a década de 1990, e o início do Século XXI, foi marcado por um processo de integração cultural e econômica nunca antes presenciados em tal escala na história da humanidade. Estamos nos referimos é claro ao processo de “Globalização da Economia”, que entre outras coisas trouxe um aumento do comércio internacional aparentemente sem precedentes, trouxe também um aumento da difusão e da aplicação de idéias de cunho liberal. Idéias e ações que uma vez postas em prática retiraram e limitaram a ação do Estado em áreas em que concorriam com a iniciativa privada, ou que por essa poderia ser conduzida, como a produção industrial e o setor de serviços.

Existem muitos acadêmicos que sendo mais entusiastas chegam a acreditar que a globalização define o início de uma nova era da história humana, um novo período histórico. Dentro destes novos tempos que se arvoraram, podemos apontar a existência da iniciativa privada ou seja das organizações empresariais como sendo a mola mestra da Sociedade e da Cultura Ocidental Contemporânea. Sendo assim o estudo da existência destas organizações empresariais torna-se um fator de entendimento e de compreensão desta mesma sociedade e cultura.

Para procurar se compreender os tempos atuais, deve-se procurar também compreender a célula base destes novos tempos, que é a empresa. O estudo e a compreensão da história individual de cada empresa, considerando-se o devido contexto histórico e social da atuação de cada uma apresenta-se como um necessidade essencial.

Vivemos em uma época globalizada em que o conhecimento, entendido de forma ampla ou mesmo restrita, é essencial a sobrevivência de cada empresa. A História Empresarial é hoje considerada uma ferramenta de condução, resgate e manutenção dos conhecimentos, habilidades e competências desenvolvidos por cada organização empresarial.

O presente artigo procura então, como seu objetivo principal, destacar e demonstrar a importância das empresas para a sociedade ocidental e também procura apontar o significado e a importância da utilização da História Empresarial por estas organizações. Partimos, para a construção deste trabalho, de uma pesquisa bibliográfica e da análise deste material levantado. Levamos em conta que existe ainda pouco material sobre este assunto no Brasil, talvez devido ao preconceito da maioria dos historiadores acadêmicos a respeito do capitalismo, sistema do qual a empresa é a alma.

2. ATIVIDADE EMPRESARIAL E A ÉPOCA MANAGERIAL

A atividade empresarial existe, pelo menos desde a época em que viveram os antigos sumérios na Mesopotâmia, possivelmente há cerca de seis mil anos, desde que o homem necessitou do trabalho ou dos produtos de um outro homem pra atender as suas necessidades. Os sumérios mantiveram trocas comerciais em grande quantidade e escala, praticamente com todos os povos com quem chegaram a manter contato ou conhecimento.

A visão sobre o comércio e sobre a sua perspectiva ética, ao longo da história tem sido quase que sempre vista com muita negatividade, se considerada em sua totalidade. A visão negativa em relação ao comércio e a atividade empresarial, somente começaram a sofrer maiores alterações conceituais quando o capitalismo passou a consolidar-se de maneira definitiva a partir do século XVI, com a Revolução Comercial. A mudança na perspectiva religiosa, empreendida pela Reforma Religiosa Protestante em plena Idade Moderna, fez com o trabalho e os lucros obtidos no comércio passassem a ser encarados de maneira positiva e valorizados como um dos sinais da benção. João Calvino, reformador francês, e os puritanos ingleses, passaram a pregar abertamente e afirmativamente as virtudes e as vantagens da poupança e do espírito de iniciativa empresarial.

As organizações empresariais são portanto consideradas essenciais para a existência da sociedade e para o desenvolvimento humano. Não poderíamos imaginar uma sociedade complexa como nos é apresentada à sociedade ocidental ou mesmo considerar a existência de uma cultura ocidental sem a existência das organizações empresariais.

O século XX e início do século XXI assistiram ao crescimento do papel das empresas na sociedade. Devido à abrangência da atividade empresarial na atualidade, em destaque especial a sua importância, alguns estudiosos acabaram por caracterizar o nosso tempo como uma "**ÉPOCA MANAGERIAL**"¹, conforme procuramos destacar com a afirmação de Elma Zoboli:

¹ Do inglês "*Management*", que significa gerenciamento;

A essencialidade das organizações na vida das pessoas leva alguns expertos a considerarem que os tempos atuais configuram uma **'ÉPOCA MANAGERIAL'**², cujo paradigma é a empresa. Esta concepção ganha tal força que a transformação das organizações, com a empresa desempenhando um papel de exemplo ou modelo, é vista como o caminho para a melhoria da humanidade (...) A empresa é compreendida como um motor para a renovação social e todas as organizações e os que nelas trabalham devem buscar prender da ética empresarial o modo de atuação exigido a fim de que possam sobreviver, crescer e superar-se evitando os defeitos anteriores e propondo valores adequados a esta reconstituição proposta. Disto também decorre o uso indistinto dos termos ética organizacional ou nas organizações; ética empresarial ou nas empresas e ética nos negócios. (ZOBOLI, passim).

Podemos afirmar ainda que procurar estudar a história de um país, ou de um determinado período histórico sem estudar ou levar em conta a história das suas empresas, seria um estudo incompleto. Sobre esta importância o historiador José Amado Mendes nos coloca o seguinte:

(...) é reconfortante poder afirmar, como fazem alguns autores, que a empresa se reconciliou com a história (...) tal resultou da verificação do papel desempenhado pela empresa na sociedade e na economia contemporâneas. Ela tornou-se, de facto, a verdadeira “célula” do desenvolvimento, especialmente desde finais do século XVIII, com o advento da chamada sociedade industrial. (...) pretender escrever a história de uma nação, num dado período, sem colocar no centro a das suas empresas é uma obra de mutilação voluntária, uma caricatura de história». Para justificar a asserção, o autor invoca as seguintes áreas de investigação: a) a história económica geral; b) a história dos sistemas e das hierarquias sociais; c) e a história cultural e política da nação. Reportando-se aos comportamentos sociais, acrescenta: «Deste ponto de vista, a empresa deve ser considerada como o **principal laboratório** da transformação social (...). (MENDES, passim).

3. HISTÓRIA EMPRESARIAL

Sabemos todos que manter a empresa em funcionamento e operacionais é uma tarefa trabalhosa para os seus gestores que contam hoje com inúmeras ferramentas. No universo empresarial brasileiro, carecemos de maiores e melhores exemplos de sucesso na área empresarial. A literatura disponível no mercado editorial trata-se em sua quase totalidade de exemplos e história de empresas norte-americanas e europeias. Em termos de Brasil, uma das melhores e poucas obras contando a vida de um empresário de sucesso e de suas iniciativas, foi “Mauá: O Empresário do Império”, sobre Irineu evangelista de Sousa, Barão e depois Visconde de Mauá, escrito por Jorge Caldeira, obra que foi alvo de críticas por parte daqueles que consideram o capitalismo a noção a ser apagada da história do homem.

A História Empresarial ou História das apresenta-se como uma ferramenta extremamente útil e bastante agradável de manter em constante grau de atualização o conhecimento que a empresa e seus membros possuem dela mesmo.

Antes de qualquer estudo que procure tratar de história, sempre surgem questionamentos sobre a sua utilidade ou praticidade. Segundo o historiador francês Marc Bloch, se a história além de nos transmitir conhecimento, não tivesse mais nenhuma

² Grifo nosso;

utilidade, servia ao menos para nos entreter e divertir. Devemos ressaltar que o conhecimento sobre a sua própria história, revela-se um conhecimento imensurável para qualquer empresa:

Por seu turno, do lado dos responsáveis pelas empresas/organizações, tem vindo a aumentar a consciencialização de que o culto da memória e o estudo do património e da identidade - em suma, da respectiva história - constitui uma mais-valia, sob diversos pontos de vista, à qual deverá ser prestada a devida atenção (...). (MENDES, op. cit., passim)

Partindo deste princípio podemos agora apontar quais seriam os benefícios de um estudo da história das empresas. Lembramos que os objetivos variam de empresa a empresa e de momento para momento e que também pode se evidenciar a conjugação de diversos fatores atuando em conjunto:

- Comemorar alguma efeméride, como aniversário ou jubileus;
- Desejo de revelar parte do passado da empresa como elemento motivador do trabalho dos membros atuais desta;
- Homenagear os antepassados, fundadores e funcionários de destaque;
- Promover o nome e a ação da empresa junto a funcionários e clientes (marketing);
- Procurar manter a fidelidade dos clientes antigos e conquistar novos;
- Adquirir conhecimentos para auxiliar na tomada de decisões dentro da administração da empresa;
- Dotar os membros da empresa de uma visão funcional sobre ela;
- Tornar claro os campos de atuação da empresa.

Sobre as possibilidades de utilização da história da empresa como uma ferramenta, que seja além de gestora, mas também uma ferramenta de marketing, Teresa Cristina Marques coloca uma explicação sobre a sua legitimidade:

O uso do produto do trabalho de investigação da história de uma empresa como um veículo de marketing é plenamente legítimo, sem dúvida, mas o gênero histórico em questão comporta abordagens bem mais amplas e profundas do que tem sido a tônica dos trabalhos produzidos recentemente. Mudam os formatos dos produtos finais das memórias de empresas, mas os problemas de método e abordagem teórica continuam sem receber um tratamento adequado (...). (MARQUES, passim).

Mendes nos coloca também, citando Christopher Castañeda, que “(...) uma compreensão mais sistemática e rigorosa do passado é crucial se os executivos pretenderem adquirir um sentido da empresa mais do que as suas memórias peculiares da mesma”.

Podemos afirmar que em todos os projetos de história empresarial sempre estará presente o desejo de se obter um conhecimento maior sobre a empresa, e nisto reside sua principal virtude. Inúmeros são os projetos iniciados e abandonados, idéias e processos que deram ou não certo e sobre os quais se perderam os testemunhos, resgatar estas experiências ou esta memória, apresenta-se como sendo a principal virtude da história empresarial.

O historiador ao estudar e levantar a memória de uma empresa, deve procurar se basear em modelos específicos de pesquisa exigidos pelo momento da pesquisa e pelos objetivos pretendidos. Porém podemos destacar que existem alguns modelos:

- Biografia institucional ou individual;
- Estudo comparativo de estruturas de negócios e de políticas;
- Análise do empresariado e a sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade e da economia.

Ainda segundo José Amado Mendes, existem campos situações obrigatórios em um trabalho de pesquisa histórica empresarial, cuja existência e respostas são essenciais para o sucesso do projeto e para que a empresa colha seus benefícios:

Independentemente do modelo ou da perspectiva a adoptar, podem inventariar-se alguns tópicos que não deverão deixar de ser equacionados. Assim, a nível macro e em termos comparativos, temos: estratégias de gestão e níveis tecnológicos; mercado e concorrência; políticas e instituições financeiras; factores de inovação; escala e diversificação; integração, vertical e horizontal, fusões e concentrações.

Por seu lado, num estudo específico de qualquer empresa, são temas a focar: os recursos humanos e materiais; as tecnologias, métodos de trabalho e produtos; os diversos tipos de inovação adoptados, segundo a perspectiva Schumpeteriana; a relação com o meio e o seu contributo para o respectivo desenvolvimento; tipo de cultura e estratégias de continuidade/sucessão; relação com outras empresas, do ponto de vista competitivo ou em cooperação, por exemplo integrada na modalidade de cluster(...). (MENDES, op cit.)

Prosseguindo, José A. Mendes, coloca a importância e a necessidade da contextualização histórica que deve estar presente em um estudo sobre uma empresa. A contextualização histórica permite um entendimento maior sobre as ações da empresa, e as decisões tomadas pelos seus gestores:

Mas, não basta estudar a história das empresas de forma isolada, como se estas fossem ilhas, separadas do meio em que se inserem. Efectivamente, a dita história deve ser integrada e compreendida nas suas relações com o meio local e regional envolvente, num determinado contexto nacional e internacional. Normalmente, esse enquadramento ou peca por defeito ou vai sendo efectuado pontualmente, ao longo do trabalho, a propósito do assunto em foco (...). (Idem)

Como já dissemos, em qualquer projeto de história de empresas, estará sempre presente o desejo de se adquirir um maior conhecimento sobre esta empresa. Gerenciar este conhecimento torna-se então uma tarefa a ser conduzida com o máximo de cuidado, pois sempre podem existir informações sigilosas, não diríamos ilegais, que são essenciais para o funcionamento e a manutenção da existência desta organização. Informações sobre alguns processos de produção ou de obtenção de matéria prima ou mesmo distribuição deverão ser resguardados, mas deverão quando necessário for, ser disponibilizados ao historiador para o entendimento maior de sua tarefa.

Sobre as fontes que podem vir a ser utilizadas e os problemas que podem ser percebido no trabalho com elas, Tereza Marques nos coloca o seguinte:

Uma vez definido que a investigação do objeto empresa pode ser enriquecida por um amplo conjunto de questões surgidas no debate econômico atual, resta examinar o importante problema das fontes disponíveis para a investigação histórica.

Ainda que o estudo da história econômica brasileira tivesse avançado indubitavelmente nas últimas décadas, em função do empenho de pesquisadores em incorporar aos seus trabalhos questões teóricas complexas originadas nos campos da economia política e da antropologia, ampliando o escopo de objetivos da investigação histórica, o acesso e a conservação de fontes históricas tem avançado muito pouco.

Sorte dos que se dedicam a estudar a história de empresas, pela própria natureza do objeto, pode-se contar com um universo mais plástico de fontes de pesquisa. Às fontes documentais, como estatutos, demonstrações financeiras e atos das sociedades (assembléias de acionistas), se associam com maior força as chamadas novas fontes históricas, em particular, a história oral. Aos que tem a oportunidade de investigar empresas ‘vivas’, isto é, ainda em operação, o uso da história oral ganha uma dimensão particularmente importante abrindo acesso não apenas à reconstrução das ‘lacunas’ não preenchidas pela documentação tradicional, mas oferecendo um canal para a reconstrução da identidade social da empresa chamada por alguns de ‘cultura organizacional’.

Seria também, ingenuidade de nossa parte, imaginar que em um ambiente informatizado como o que vivemos a história do presente será escrita da mesma forma que estivemos habituados a fazer até aqui. Boa parte dos documentos produzidos hoje pelas organizações não vão chegar às mãos dos pesquisadores do futuro. Daí a importância do uso combinado de fontes diversas na elaboração de história de empresas. (MARQUES, op cit., passim)

Para resguardar os devidos interesses, preservar os interesses da empresa e a idoneidade do historiador, deve procurar fazer um contrato escrito e formal para proteção de ambas as partes envolvidas (Empresa e pesquisador – historiador). Utilizaremos ainda o artigo de José A. Mendes:

Num interessante artigo dedicado ao “contrato escrito” sobre a elaboração de histórias de empresa (o qual deve ser sempre celebrado, para salvaguarda das duas partes), Christopher J. Castaneda recorda um exemplo, do qual, apesar de remontar já a 1947, podem ainda tirar-se lições com interesse. Assim, do contrato, por escrito, assinado entre a empresa patrocinadora (Humble Oil & Refining Company) e a Business History Foundation (norte-americana), constavam as seguintes cláusulas:

- a) aquela concordava em disponibilizar todos os registros para investigação;
- b) e em proporcionar entrevistas com os empregados ou com outras pessoas relacionadas com a empresa;
- c) em permitir que se efectuassem visitas às instalações;
- d) por sua vez, a Fundação apresentaria o original para que os executivos o apreciassem, criticassem e fizessem sugestões, mas aquela ficava com liberdade para, em última análise, determinar o que deveria ser, finalmente, publicado. (MENDES, op cit. Passim).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a história de uma empresa, escrita segundo critérios científicos de pesquisa, através de um trabalho consistente de crítica e seleção de

informações, se apresentará como uma ferramenta e um instrumento que contribuirá muito para o gerenciamento a empresa. Tal trabalho contribuirá também para, como colocamos anteriormente para uma melhor compreensão da história não só da empresa, mas também da região em que ela atua e do próprio país.

Deve destacar que a história não se faz apenas de bons momentos, mas também de tragédias e sofrimentos, com o universo da empresa o mesmo ocorre. Desta maneira deve-se estudar não somente os sucessos da empresa mas também os insucessos.

Este artigo não esgotou o assunto que tratamos, a história empresarial desponta para um horizonte muito grande no Brasil, esperamos contribuir para diminuir o preconceito que existe por parte dos historiadores acadêmicos em relação ao estudo da história pelo prazer da história e em relação às empresas e aos empresários.

BUSINESS HISTORY: A TOOL FOR THE MANAGEMENT OF THE KNOWLEDGE IN THE BUSINESS ORGANIZATIONS

Abstract

The present text looks for to demonstrate to the essential function of the enterprise organizations for the society said occidental person, and also as objective main to demonstrate to the advantages Enterprise History for the rescue and the maintenance of the knowledge of the companies on its action. We point the search for the knowledge on its organization and its accomplishments as the main objective of if carrying through the rescue of the history of a company. We demonstrate the importance of history as knowledge and management tool.

Keywords: Enterprise history; Management of the Knowledge; History of the Capitalism; History of Companies.

Referências

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XX. Disponível em <<http://www.perspectivas.com.br/leitura/trans30.htm>> Acesso em: 05 maio 2003;

CALDEIRA, Jorge. **Mauá, empresário do império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O novo século: entrevista a Antônio Polito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000;

INSTITUTO ETHOS. Instituto Ethos Reflexão. MATTAR, Hélio. **Os novos desafios da responsabilidade social empresarial**. São Paulo: Instituto Ethos, ano 2, n. 5, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.uniethos.org.br/DesktopDefault.aspx?TabID=3936&Alias=uniethos&Lang=pt-BR>> Acesso em: 20 set. 2005.

INSTITUTO ETHOS. Instituto Ethos Reflexão. ZOBOLI, Elma Campos Pavoni. **A Ética nas Organizações**. São Paulo: Instituto Ethos, ano 2, n. 4, mar. 2001.

Disponível em: <<http://www.uniethos.org.br/DesktopDefault.aspx?TabID=3936&Alias=uniethos&Lang=pt-BR>> Acesso em: 20 set. 2005.

KOSHIBA, Luiz. *História: origens, estruturas e processos*. São Paulo: Atual, 2000.

LANDES, David S.; *A riqueza e a pobreza das nações: por que algumas são tão ricas e outras tão pobres*. 6. ed. Rio de Janeiro: Câmpus, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*. São Paulo: Scipione, 2001.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. *História de empresas: Memória e Fontes*. Disponível em <[http://www.angrad.com/cientifica/artigos/artigos_enangrad/pdfs/viii_enangrad/Historia % 20 de%20empresas%20memoria%20e%20fontes.pdf](http://www.angrad.com/cientifica/artigos/artigos_enangrad/pdfs/viii_enangrad/Historia%20de%20empresas%20memoria%20e%20fontes.pdf)> Acesso em: 10 jul. 2004.

MENDES, José Amado. *Problemas de história empresarial: teoria e prática*. Disponível em <[http://www.angrad.com/cientifica/artigos/artigos_enangrad/pdfs/viii_enangrad/Historia %20de%20empresas%20memoria%20e%20fontes.pdf](http://www.angrad.com/cientifica/artigos/artigos_enangrad/pdfs/viii_enangrad/Historia%20de%20empresas%20memoria%20e%20fontes.pdf)> Acesso em: 02 ago. 2004.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Economia*. São Paulo: Ática, 1993.

ORMEROD, Paul. *O efeito Borboleta: uma fascinante introdução à economia do século xxi: as causas dos erros sistemáticos das previsões econômicas*. Rio de Janeiro: Câmpus, 2000.

São Paulo: Instituto Ethos, Reflexão ano 2, nº 5, julho 2001;

SOLOMON, Robert. *A Ética Empresarial*. Disponível em

<http://critica.no.sapo.pt/fil_eticaempresarial.html> Acesso em: 12 abr. 2002.